



ISSN: 1981-0601  
v. 14, n. 1 (2021)



Recebido em: 28/06/2020

Aprovado em: 11/10/2020

Publicado em: 30/08/2021

DOI: 10.18554/it.v14i1.4723

**PRODUÇÕES FONÉTICAS DA VIBRANTE MÚLTIPLA /r/ POR APRENDENTES  
BAIANOS E PAULISTAS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:  
ANALISANDO OS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS**

***PRODUCCIONES FONÉTICAS DE LA VIBRANTE MÚLTIPLE /r/ POR APRENDIENTES  
BAIANOS Y PAULISTAS DE ESPAÑOL COMO LENGUA EXTRANJERA: ANALISANDO  
LOS FACTORES EXTRALINGUÍSTICOS***

Aline Silva Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, neste texto, temos como objetivo principal analisar os condicionamentos extralinguísticos para as diferentes realizações fonéticas do fonema vibrante múltiplo /r/ na produção oral de aprendentes brasileiros de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) nos Estados da Bahia e São Paulo. Os objetivos específicos são identificar condicionamentos na realização de /r/ conforme a variedade regional dos aprendentes, analisar as diferenças na realização de /r/ conforme o nível de aprendizagem da língua espanhola, e relacionar a escolha das variantes ao estilo de fala empregado. Os dados da pesquisa foram coletados de 10 informantes da Bahia e 10 informantes de diferentes cidades do interior de São Paulo, do gênero/sexo feminino, estudantes de graduação dos cursos de Letras/Espanhol de universidades públicas localizadas em dois estados brasileiros. Utilizamos questionários elaborados para a pesquisa, um gravador digital, bem como os programas VARBRUL e Praat como recursos e instrumentos de coleta e análise de dados. Pretendemos, com este estudo, poder contribuir para uma reflexão sobre a necessidade de se repensar o ensino do espanhol para aprendentes brasileiros sob um novo prisma, que considere as variedades dialetais existentes neste país.

**Palavras-chave:** Sociolinguística variacionista; Vibrante múltipla; Ensino-aprendizagem de ELE.

**Resumen:** Con base en los presupuestos teóricos de la Sociolingüística Variacionista, en este texto tenemos como objetivo principal analizar los condicionamientos para las diferentes realizaciones fonéticas del fonema vibrante múltiple /r/ en la producción oral de aprendientes brasileños de Español como Lengua Extranjera (ELE) en los estados de Bahía y São Paulo. Los objetivos específicos son identificar condicionamientos en la realización de /r/ conforme la variedad regional de los aprendientes, identificar diferencias en la realización de /r/ conforme el nivel de aprendizaje de la lengua española, y relacionar la elección de las variantes al estilo de habla empleado. Los datos de la investigación fueron recolectados de 10 informantes de Bahía y 10 informantes de diferentes ciudades del interior de São Paulo, del género/sexo femenino, estudiantes de graduación de los cursos de Letras/Español de universidades públicas ubicadas en dos estados brasileños. Utilizamos cuestionarios elaborados para la investigación, un grabador digital, así como los programas VARBRUL y Praat como recursos e instrumentos de recolección y análisis de datos. Pretendemos, con este estudio, poder contribuir para una reflexión sobre la necesidad de repensar la

---

<sup>1</sup> Professora Assistente de Língua Espanhola da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: asgomes@uneb.br. Orcid: 0000-0001-7018-5993.

*enseñanza del español para aprendientes brasileiros bajo un nuevo prisma, que considere las variedades dialectales existentes en este país.*

**Palabras clave:** Sociolingüística variacionista; Vibrante múltiple; Enseñanza-aprendizaje de ELE.

## 1 Introdução

Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, temos como objetivo, neste texto, apresentar parte dos resultados da pesquisa de mestrado (GOMES, 2013)<sup>2</sup>, na qual analisamos os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos para as diferentes manifestações fonéticas do fonema vibrante múltiplo /r/ – da língua espanhola – na produção oral de estudantes brasileiros da Bahia e de São Paulo, estes últimos falantes da variedade caipira<sup>3</sup>. Em outros termos, trata-se de um estudo comparativo no qual analisamos a produção oral de aprendentes de língua espanhola, considerando duas variedades linguísticas do português brasileiro.

Os róticos (chamados também de vibrantes) nas línguas portuguesa e espanhola são, até os dias atuais, fontes de discussão entre os estudiosos da linguagem. Entretanto, observamos que ainda são escassos os estudos sistemáticos acerca da aprendizagem da vibrante<sup>4</sup> múltipla do espanhol /r/ por aprendentes brasileiros desse idioma como Língua Estrangeira (LE)<sup>5</sup>.

Neste texto, temos como objetivo principal analisar as realizações fonéticas do fonema vibrante múltiplo /r/ na produção oral dos estudantes de Espanhol como Língua Estrangeira – doravante ELE – nos Estados da Bahia e São Paulo. Os objetivos específicos são: i) identificar

---

<sup>2</sup> Este texto é parte da dissertação de mestrado elaborada no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), defendida no ano de 2013.

<sup>3</sup> Termo utilizado por Amadeu Amaral na obra *O dialeto caipira* (1920). Segundo o autor, o dialeto caipira é uma variante linguística do português brasileiro, falado no interior do estado de São Paulo, norte do Paraná, leste do Mato Grosso do Sul, sul de Minas Gerais, sul de Goiás.

<sup>4</sup> Segundo Dubois et al. (1973, p. 612-613), Vibrante é uma consoante oral cuja articulação comporta um escoamento livre do ar, interrompido por uma ou várias oclusões devidas à vibração de um articulador (ponta da língua, lábios, úvula) na passagem de ar. Tem-se um exemplo de vibrante labial no grito que serve para deter os cavalos. O [r] mais frequente nas línguas, particularmente nas românicas e eslavas, é uma vibrante ápico-dental. A vibrante pode ser também uvular, como é o caso das realizações fortes do fonema [r] em franco-provençal e em todas as etapas de transição histórica entre o [r] vibrante e o [r] fricativo. A vibrante pode consistir numa única oclusão (há neste caso uma vibrante batida, ou *flap*, como em inglês), ou em várias oclusões (há neste caso uma vibrante rolada, ou *trill*).

<sup>5</sup> Em linhas gerais, a Linguística Aplicada faz a diferenciação entre os termos Segunda Língua (SL) e Língua Estrangeira (LE): Segunda Língua (SL) se refere àquela que um indivíduo adquire em um contexto natural, por necessidade de comunicação, e dentro de um processo de socialização. Já a aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) se dá em espaços formais de ensino e exige maior esforço do aprendiz. A comunicação não é fundamental para sua integração na comunidade.

condicionamentos na realização de /r/ conforme a variedade regional dos aprendentes; ii) analisar as diferenças na realização de /r/ conforme o nível de aprendizagem da língua espanhola pelos aprendentes nas duas regiões mencionadas; e iii) relacionar a escolha das variantes ao estilo de fala empregado.

Ao longo de 20 anos como professora de ELE em Salvador, Bahia, em cursos de línguas e, posteriormente, em cursos de graduação, averiguamos que a realização da vibrante múltipla /r/ é muitas vezes, um revés, tanto para os estudantes que estão começando o estudo da língua, quanto para aqueles que compõem grupos de níveis mais avançados. Deste modo, consideramos que o presente trabalho é relevante no que tange à aprendizagem da língua espanhola por brasileiros. Com base nessa apreensão, a pergunta que orienta esta pesquisa é: como se dá a interferência da língua materna – no caso, o português brasileiro –, ou das variedades de língua materna, na realização da vibrante múltipla espanhola?

Entre os motivos que originaram o tema proposto estão: a carência de estudos comparativos, em nível fonético-fonológico, entre o português e o espanhol; a aplicação metodológica que pesquisas dessa natureza podem brindar àqueles profissionais que investem na elaboração de livros e materiais didáticos com tópicos sobre fonética e fonologia direcionados para lusofalantes; a necessidade que enfrentam os professores de ELE ao colocar em ação conhecimentos específicos básicos relacionados com os processos de aprendizagem da língua oral; e a necessidade de pesquisar o fato de que o fonema /r/, da língua espanhola, é um dos segmentos que acarreta mais problemas na aprendizagem para os estudantes brasileiros.

Apesar de diversas pesquisas já terem sido realizadas em diferentes países como México, Chile, Estados Unidos, Espanha e Brasil, sobre as manifestações fonéticas dos róticos, tanto de natureza articulatória quanto acústica, tanto no português brasileiro, quanto no espanhol (considerando suas distintas variedades), não foram localizadas nos bancos de teses das universidades brasileiras, nem do exterior (até a conclusão deste estudo), pesquisas voltadas para a aprendizagem do fonema /r/, na língua espanhola, com base na observação de sua produção em diferentes grupos dialetais do Brasil. No que tange ao estudo dos róticos em língua espanhola, citamos como exemplos o trabalho de Lastra e Martín Butragueño (2003), que aborda sobre uma possível mudança em curso das vibrantes na Cidade do México, e as teses de doutoramento das pesquisadoras Blecua Falgueras (2001) e Carvalho (2004): a primeira versa sobre as manifestações acústicas e processos fonéticos das vibrantes no espanhol falado na Espanha; a segunda apresenta

uma descrição fonético-acústica dos fonemas vibrantes nas línguas portuguesa e espanhola. Assim, neste estudo, visamos à análise da interferência de fatores extralinguísticos nas variações fonéticas de /r/ no espanhol falado por aprendentes de ELE na Bahia e em São Paulo. Para tal, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]).

Durante a aprendizagem da língua espanhola, os estudantes brasileiros apresentam a tendência em substituir a pronúncia ápico-alveolar de /r/ – considerada como norma padrão nessa língua – por outros sons que fazem parte do inventário da língua portuguesa (vibrante simples ou fricativas velar, uvular e glotal). Conforme as tendências já assinaladas na literatura sobre o assunto, esse fenômeno pode ocorrer devido à interferência da língua materna na aprendizagem da língua alvo. Diferentes pesquisadores tratam acerca dessas tendências como, por exemplo, Hoyos-Andrade (1994), Masip (1999) e Andrade Neta (2001). Deste modo, temos como hipótese que a realização do fonema /r/ pelos aprendentes baianos e paulistas de ELE deve refletir distintas manifestações fonéticas, decorrentes de condicionamentos linguísticos (estruturais) e extralinguísticos. Este texto se restringe apenas à apresentação da influência dos fatores extralinguísticos na pronúncia da consoante em foco, deixando para outra ocasião a apresentação dos resultados concernentes aos fatores linguísticos.

## 2 A vibrante múltipla espanhola e suas manifestações fonéticas

De acordo com o Alfabeto Fonético Internacional – AFI –, o fonema /r/ compõe o grupo das consoantes líquidas, o qual abarca os sons laterais e vibrantes. Este último grupo também recebe o nome de róticos. Quanto à sua realização, o fonema /r/ é consonântico, porém possui traços próprios dos fonemas vocálicos, isto é, maior abertura e tom mais alto. Em linhas gerais, podemos afirmar que as consoantes líquidas pertencem a um grupo transitório entre as consoantes e as vogais.

Diferentes livros e manuais de fonética e fonologia espanhola apresentam descrições articulatórias acerca do mecanismo de produção da vibrante múltipla /r/ na língua mencionada. Navarro Tomás (1985), em seu *Manual de Pronunciación Española*, publicado pela primeira vez em 1918, descreve a língua espanhola “culto e sem vulgarismos”, estudada especificamente no contexto universitário, como o próprio autor assevera na introdução da obra. Navarro Tomás descreve o mecanismo de articulação do fonema /r/ – variedade padrão – da seguinte forma:

Lábios e mandíbulas, segundo os sons vizinhos; os lados da língua fecham, como no *r*, a saída lateral do ar; a ponta da língua se encurva até em cima, até tocar com

as suas bordas a parte mais alta dos alvéolos, estendendo-se até a metade posterior dos mesmos; o tronco da língua se recolhe até o fundo da boca; o pré-dorso toma uma forma oca ou côncava. No mesmo instante em que a ponta da língua toca os alvéolos, é empurrada com força pela corrente expiratória; rapidamente a sua própria elasticidade a faz voltar ao ponto de contato; mas novamente é empurrada para fora com o mesmo impulso, repetindo-se várias vezes este mesmo movimento, que vem a ser como a batida das bordas de uma bandeira aberta e sacudida pelo vento [...]. A cada contato da língua com os alvéolos se interrompe momentaneamente a saída do ar, resultando uma série rapidíssima de pequenas explosões; o véu do paladar, fechado, glote, sonora<sup>6</sup>. (NAVARRO TOMÁS, 1985, p. 121-122, tradução nossa).

Sobre a produção do fonema em foco, Quilis e Fernández (1982, p.130) afirmam que sua articulação se dá através da formação de duas ou mais oclusões breves resultantes do contato do ápice da língua com os alvéolos, colocando em destaque, em sua explicação, a atuação dos órgãos envolvidos nesse processo e a quantidade de vibrações. Em um estudo anterior, Gili Gaya (1966) apresenta uma descrição similar à de Quilis e Fernández (1982) no que tange ao número de vibrações na produção da consoante /r/. No entanto, Gili Gaya cita a participação da corrente de ar nesse processo bem como descreve a posição da língua durante a articulação de ambos os róticos, que são a vibrante simples /r/ e a vibrante múltipla /r/. Ademais, o pesquisador compara a produção deste último fonema consonântico com a realização articulatória da vibrante simples, conforme podemos ler no seguinte trecho:

Para pronunciar o r simples, a língua executa um só movimento sobre os alvéolos, enquanto que o r múltiplo se pronuncia com duas ou mais vibrações da língua que interrompem alternadamente a saída do ar. Em espanhol, o movimento da língua é um r senão de fora para dentro, enquanto que para o r a pressão é exercida de dentro para fora<sup>7</sup>. (GILI GAYA, 1966, p. 149, tradução nossa).

---

<sup>6</sup> Original: Labios y mandíbulas según los sonidos vecinos; los lados de la lengua cierran, como en la r, la salida lateral del aire, la punta de la lengua se encorva hacia arriba, hasta tocar con sus bordes la parte más alta de los alvéolos, tendiendo hacia la mitad posterior de los mismos, el tronco de la lengua se recoge hacia el fondo de la boca; el predorso toma la forma hueca o cóncava. En el mismo instante en que la punta de la lengua toca los alvéolos, es empujada con fuerza hacia fuera por la corriente espiratoria, rápidamente su propia elasticidad le hace volver al punto de contacto, pero de nuevo es empujada hacia fuera con igual impulso, repitiéndose varias veces este mismo movimiento, que viene a ser como el aleteo de los bordes de una bandera desplegada y sacudida por el viento [...]. A cada contacto de la lengua con los alvéolos se interrumpe momentáneamente la salida del aire, resultando una serie rapidísima de pequeñas explosiones, velo del paladar, cerrado; glotis, sonora.”(NAVARRO TOMÁS, 1985 [1918], p. 121-122.)

<sup>7</sup> Original: Para pronunciar la r simple la lengua ejecuta un solo movimiento sobre los alvéolos, mientras que la r múltiple se pronuncia con dos o más vibraciones linguales que interrumpen alternadamente la salida del aire. En español, el movimiento de la lengua es una r más bien de fuera adentro, en tanto que para la r la presión se ejerce de dentro para fuera. (GILI GAYA, 1966, p. 149).

Sánchez e Matilla (2001) também propõem uma descrição para a vibrante múltipla espanhola /r/, a qual se assemelha com a de Gili Gaya (1966), dado que faz alusão à participação dos órgãos articulatórios envolvidos na produção do fonema em questão e compara o mecanismo de produção das vibrantes na língua espanhola. Entretanto, os autores advertem que o fonema vibrante múltiplo /r/ pode ser articulado de diferentes formas, a depender da ênfase dada pelo locutor em sua emissão, como podemos ler neste fragmento:

A posição dos órgãos articuladores é igual para o «r» simples, com a exceção de que o «rr» múltiplo a língua se retrai um pouco mais para trás, recolhendo-se. Quando toca os alvéolos é empurrada pra frente pela pressão do ar; logo volta rapidamente até o ponto de contato inicial e de novo o ar se desloca. Este ciclo se repete, em regra geral, umas três vezes. Se se pretende enfatizar este som, então o número de vibrações aumenta proporcionalmente<sup>8</sup>. (SÁNCHEZ; MATILLA, 2001, p. 72, tradução nossa).

Após a leitura e a análise das descrições articulatórias do fonema /r/ mencionadas anteriormente, as quais se encontram em obras clássicas de fonética e fonologia espanholas, avaliamos que as ditas descrições são, de certa forma, inconsistentes e, ademais, não explicam com rigor o fenômeno em foco. Concordamos com Martínez Celdrán (1997) quando afirma que o mecanismo de realização do /r/, na língua espanhola, ainda não foi elucidado por completo, embora o próprio linguista reconheça que a descrição de Navarro Tomás (1985) é bem precisa, porém incompleta.

Martínez Celdrán (1997) realiza um estudo no qual critica a descrição articulatória do fonema /r/, formulada por Navarro Tomás (1985) em pelos menos três pontos: i) a elasticidade do ápice da língua não é um mecanismo de produção, mas, sim, uma condição que permite a sua realização; ii) o ar proveniente dos pulmões exerce uma pressão que empurra a língua para baixo, e não de dentro para fora, já que o ápice da língua se despega dos alvéolos; iii) para a realização desse segmento, é necessário que o ápice da língua se encurve até tocar os alvéolos, acompanhado de certa pressão sobre esse último.

---

<sup>8</sup> Original: La posición de los órganos articuladores es igual que para la «r» simple, con la excepción de que la «rr» múltiple la lengua se retira un poco más hacia atrás, recogiendo. En cuanto toca los alvéolos es empujada hacia adelante por la presión del aire; luego vuelve rápidamente hacia el punto de contacto inicial y de nuevo el aire la desplaza. Este ciclo se repite, por regla general, unas tres veces. Si se pretende acentuar este sonido, entonces el número de vibraciones aumenta proporcionalmente”. (SÁNCHEZ; MATILLA, 2001 [1974], p. 72).

Em conformidade com Corredera (1949), Martínez Celdrán (1997) apresenta a seguinte descrição articulatória para a realização do fonema /r/:

A ponta da língua se apoia com certa força na protuberância alveolar dos incisivos superiores [...]. Quando é pronunciado, a língua faz pressão sobre a protuberância alveolar, mas sua resistência é vencida, pela pressão do ar, permitindo a passagem de parte deste. Quando parte do ar acumulado na boca saiu, a resistência lingual é superior a pressão do ar e a língua volta à posição inicial. Como não há abertura, este se acumula novamente, aumentando ao mesmo tempo sua pressão, voltando a vencer a resistência da língua. O movimento se repete varias vezes com rapidez<sup>9</sup>. (CORREDERA, *apud* MARTÍNEZ CELDRÁN, 1997, p.88, tradução nossa).

Assim como Martínez Celdrán (1997), consideramos que a descrição articulatória do fonema /r/ formulada por Corredera (1949) se apresenta de forma mais clara do que a de Navarro Tomás (1985) e dos outros estudiosos citados anteriormente (ainda que não totalmente acabada). Martínez Celdrán (1997) consegue estabelecer, em sua caracterização, uma relação inversamente proporcional entre a pressão do ar proveniente dos pulmões e a pressão do ápice da língua nos alvéolos. Já Corredera não faz nenhuma referência à elasticidade do órgão ativo na produção desta consoante; entretanto, reconhecemos que esta condição é, de certo modo, necessária.

Martínez Celdrán (1997), em seu estudo, visa elucidar o mecanismo de realização do fonema /r/, com o intuito de superar as descrições existentes, bem como propor um trabalho que possa ser proveitoso para diversos profissionais da linguagem, como foneticistas e professores de ELE. Para explicar a realização articulatória do fonema em questão, o linguista adota como base o Teorema de Bernoulli. Segundo este teorema, a velocidade e a pressão de um fluido são inversamente proporcionais ao longo de uma linha particular. Assim, o aumento da velocidade colabora para a diminuição da pressão e vice-versa. Trata de um postulado que podemos observar em experiências do dia-a-dia<sup>10</sup> e que, inclusive, já foi aplicado na fonética para deslindar o mecanismo de vibração das cordas vocais. Martínez Celdrán (1997) aplica o efeito Bernoulli, –

---

<sup>9</sup> Original: La punta de la lengua se apoya con cierta fuerza en la protuberancia alveolar de los incisivos superiores [...]. Cuando se pronuncia, la lengua hace presión sobre la protuberancia alveolar, pero su resistencia es vencida, por la presión del aire, permitiendo el pasaje de parte de éste. Cuando parte del aire acumulado en la boca ha salido, la resistencia lingual es superior a la presión del aire, y la lengua vuelve a la posición primitiva. Como no hay abertura, éste se acumula nuevamente, aumentando al mismo tiempo su presión, volviendo a vencer la resistencia lingual. El movimiento se repite varias veces con rapidez (CORREDERA, *apud* MARTÍNEZ CELDRÁN, 1997, p. 88).

<sup>10</sup> Como, por exemplo, ao observarmos um banheiro com chuveiro aberto e cortinas: ao deixar correr a água do chuveiro com força, as cortinas são atraídas para dentro porque a velocidade da água que cai faz com que a pressão que rodeia o corpo da pessoa que está tomando banho diminua.

proposta já adotada pelo linguista Catford, em 1977 –, para elucidar a realização do fonema /r/ e explicar o movimento de vai e vem do ápice da língua; primeiro, a língua toca a região dos alvéolos com pressão, a qual impossibilita a passagem de ar oriundo dos pulmões. Este primeiro movimento é de caráter instintivo e espontâneo. Posteriormente, a pressão do ar vai aumentando progressivamente que, com sua força, vence a resistência do ápice, e este acaba cedendo à pressão, desprendendo-se dos alvéolos. Essa relação contrária entre a pressão do ar e a pressão do ápice da língua é involuntária, isto é, é um processo físico alheio à vontade de quem o produz. Em regra, este ciclo se repete duas ou três vezes. Em resumo, a elasticidade da língua não tem relação direta com a realização do fonema /r/, mas, sim, o efeito de Bernoulli, de acordo com o autor.

No que se refere às realizações fonéticas de /r/, diversos autores como Quilis (1993), Vaquero de Ramírez (2003), Andión Herrero (2004) e Lipski (2007) descrevem em suas pesquisas as manifestações fonéticas encontradas para esta consoante tanto na Espanha quanto em países hispanofalantes latino-americanos. Entre os fenômenos dialetais relacionados com o fonema /r/, Quilis (1993) menciona a possibilidade de realização sibilante [ř]. Essa produção se dá quando, ao debilitar e perder as vibrações, a língua, em posição convexa, se move em direção aos incisivos inferiores e deixa de ser alveolar. Segundo o autor, o erre forte sibilante pode ser verificado em toda a América e se distribui geograficamente em diferentes países como Cuba, México, Guatemala, Costa Rica e Panamá. Nos dois últimos países, pesquisas apontam que sua realização é considerada como um fenômeno estigmatizado. O /r/sibilante também está presente em países da América do Sul como Colômbia, Equador, Chile, e maior parte do território paraguaio. Ainda conforme Quilis (1993), pesquisas dialetais desenvolvidas por Maldonado de Guevara, em 1965, ainda confirmaram a presença do erre forte sibilante em algumas regiões da Espanha, entre Logroño e Zaragoza.

De acordo com Quilis (1993), diferentes hipóteses coexistiam, ao longo dos anos, sobre a existência do /r/ sibilante [ř]. O autor diz que se, por um lado, alguns dos principais investigadores, como Lenz, acreditam na influência araucana, outros postulam a influência da língua inglesa, em especial na região do Novo México. Em conformidade com Menéndez Pidal (1958), Quilis (1993) menciona também a hipótese de que esse som seja um possível substrato. Em resumo, tanto na América, quanto na Espanha, o fenômeno é resultado de uma evolução paralela da vibrante múltipla até a fricativização, através da perda das oclusões.

A vibrante múltipla espanhola /r/ ainda pode ser pronunciada como fricativo posdorsovelar sonoro ou como vibrante uvular em países da América. Entretanto, estas duas possibilidades de

realização não são produzidas na Espanha. Pesquisas dialetais desenvolvidas em Porto Rico sobre as crenças e atitudes dos porto-riquenhos acerca da produção do /r/ velar revelaram a opinião negativa da maior parte dos falantes daquela região quanto à esse fenômeno: os porto-riquenhos investigados presumiam que a pronúncia velar não fazia parte da língua espanhola padrão e que era próprio dos falantes que viviam em áreas rurais, ou que pertenciam a indivíduos de extratos sociais mais baixos, entre outros argumentos. No entanto, nessa mesma pesquisa, um grupo de informantes supõe acredita que a realização velar de /r/ é um fenômeno que identifica o espanhol de Porto Rico. Outros, ainda, pensam que todas as manifestações fonéticas são “corretas”. Segundo Vaquero de Ramírez (2003), a realização velar teve pouca extensão no espanhol falado no continente americano. Com base no trabalho linguista Candfield, Vaquero de Ramírez (2003) ainda acrescenta que a emissão velar pode ser observada no centro de Cuba, República Dominicana, região oriental de Porto Rico, litoral da Venezuela e Norte do Panamá.

Outro fenômeno fonético também relacionado com o /r/ espanhol é a sua realização mista, que se dá por meio de uma aspiração faríngea, seguida de uma articulação ápico-alveolar vibrante múltipla [hr]. Esse fenômeno pode ser observado em países Cuba, República Dominicana, Porto Rico e Colômbia.

Andión Herrero (2004) também explica os fenômenos dialetais relacionados com o fonema /r/ nos países americanos: a autora divide o continente por zonas e menciona, em seu trabalho, as manifestações fonéticas encontradas para essa consoante. Conforme a autora, a realização sibilada é esporádica na zona do México e América Central; no Panamá, sua realização está condicionada por fatores situacionais, sendo mais frequente na fala das mulheres.

Em algumas regiões da Costa Rica, se conserva a vibrante ápico-alveolar, contudo em outras podemos encontrar, também, o /r/ sibilante [ř] ou retroflexo [ɽ]. Na Guatemala, a realização palatalizada de /r/ é bastante comum, especialmente quando este se encontra entre vogais, com perda da sonoridade. Na zona do Caribe, a consoante /r/ é produzida como um som velar em parte da República Dominicana. Ainda segundo Andión Herrero (2004), na região dos Andes, podemos encontrar a produção fricativa sibilante em países como a Colômbia – área sul – e no espanhol popular do Chile, Bolívia, Equador e Peru. Na Colômbia, encontramos a realização velar e também a aspiração vibrante nas terras altas. Na região rio-platense, temos a produção sibilante, fricativa e surda no Paraguai, e no centro, oeste e norte da Argentina. No Uruguai, mantém-se a pronúncia de /r/ como ápico-alveolar (ANDIÓN HERRERO, 2004).

Outra possibilidade é a produção de /r/ como vibrante simples [r], algo bastante frequente em regiões de Cuba, Porto Rico e da Colômbia. De acordo com Lipski (2007), essa realização está entre as divergências fonéticas mais frequentes observadas na zona do Caribe, assim como a pronúncia das duas vibrantes como um glide retroflexo, como ocorre na língua inglesa. Em linhas gerais, pesquisadores têm notado a tendência ao desaparecimento da pronúncia ápico-alveolar para o fonema vibrante múltiplo /r/ em diferentes variedades de língua espanhola.

### 3 Procedimentos metodológicos

Os dados do estudo foram obtidos de 20 participantes de duas regiões diferentes do território brasileiro. Os informantes são do sexo feminino, estudantes de licenciatura em Letras/Espanhol matriculadas em universidades públicas localizadas no interior de São Paulo e em Salvador, Bahia. Realizamos entrevistas com estudantes de idades entre 19 e 30 anos. Em resumo, pesquisamos 10 estudantes baianas e 10 estudantes paulistas.

Nesta pesquisa, adotamos como referencial a proposta de coleta de dados formulada por Labov (2008[1972]). Segundo este autor, a variação linguística não é concebida como algo que se dá de maneira indiscriminada, mas como um fenômeno motivado culturalmente, tanto por fatores linguísticos, quanto extralinguísticos dos mais diversos. Ela não é assistemática e demonstra a predisposição das línguas para adaptar-se, como meio de comunicação.

Considerando o fenômeno fonético estudado, organizamos as informantes em dois grupos, de acordo com o tempo de exposição formal ao ensino da língua espanhola: o primeiro deles, um grupo de discentes que tinham cursado até 250 horas de aula e o segundo, um grupo de alunas que já haviam cursado 350 horas de estudos ou mais. Elegemos esse fator – tempo de exposição formal ao espanhol – com o propósito de averiguar se existem diferenças ou semelhanças na aquisição do fonema vibrante múltiplo do espanhol /r/ conforme o período de contato com a língua alvo.

Os instrumentos de geração de dados foram elaborados para a pesquisa com as participantes das duas regiões, com o objetivo de apreender o fenômeno linguístico apresentado. O propósito era que as participantes produzissem diferentes estilos de linguagem que nos permitissem depreender desde a fala espontânea (menos controlada) até a fala em contextos mais formais. Neste estudo, coletamos quatro estilos de fala, em diferentes contextos. Dividimos os contextos em A, B, C e D.

No contexto A, as participantes discutiram sobre alguns temas sem respostas diretas – sem serem interrompidas –, como explicar o interesse pela língua espanhola, falar de hábitos de leitura, narrar os gostos musicais, falar sobre a relação com os meios de comunicação, sobre política etc.

No contexto B, realizamos uma entrevista mais controlada, com base em um questionário dirigido composto por 27 perguntas. Nessa etapa, mostramos às participantes diferentes imagens com vocabulário básico para aprendentes de espanhol, de diferentes campos semânticos (objetos, frutas e legumes, pessoas famosas, instrumentos musicais, lugares, cores e animais) e fizemos perguntas a fim de que elas respondessem oralmente o que estava sendo mostrado nas imagens.

No contexto C, com o propósito de coletar outro estilo de fala mais controlado ainda, as informantes realizaram a leitura de duas fábulas. Todas as participantes leram ambos os textos; no entanto, observamos que as estudantes de níveis mais avançados de estudo da língua apresentaram, nesta etapa, maior fluência na leitura do que as estudantes de nível intermediário de aprendizagem, comportamento este que, de certa maneira, já era esperado.

O contexto D envolveu a leitura de uma lista de frases curtas que contemplam a presença da vibrante múltipla /r/, o qual constitui uma das maiores dificuldades dos estudantes brasileiros na aprendizagem da língua espanhola. Nesta pesquisa, optamos por elaborar frases curtas em vez de uma lista de palavras (pares mínimos), no intuito de conservarmos, na medida do possível, as características da fala espontânea, por meio da elaboração de enunciados que poderiam ser emitidos em situações comunicativas reais.

O objetivo inicial do estudo consiste em analisar as realizações fonéticas de /r/, variável dependente, encontradas na fala das informantes investigadas. Nesta pesquisa, foram consideradas as seguintes possibilidades de realização da variável dependente: vibrante múltipla [r]; vibrante simples [r]; fricativa velar [x]; fricativa glotal [h] e retroflexa [ɽ]. Como variáveis independentes ou explanatórias, consideramos: i) a variedade regional dos aprendentes (Bahia e São Paulo); ii) o tempo de exposição formal ao ensino do espanhol (até 250 horas; a partir de 350 horas); e iii) o estilo de fala empregado (espontânea; entrevista dirigida; leitura de textos; leitura de frases).

Antes de iniciar a análise de cada variável independente selecionada para este estudo, tínhamos determinadas expectativas de resultados com relação à interferência de cada uma delas na produção oral das estudantes brasileiras de ELE nos estados da Bahia e São Paulo. No que tange à influência da variedade regional das aprendentes de ELE, nossa hipótese inicial era de que os dois grupos – variedade baiana e caipira – teriam comportamentos fonéticos díspares, devido à

interferência das variedades dialetais diferentes. Supúnhamos que a variedade caipira contribuiria melhor à realização do /r/ espanhol segundo a norma padrão por dois aspectos: i) o ponto de articulação desse segmento na variedade caipira está mais próximo do som ápico-alveolar do espanhol do que o ponto de articulação na variedade baiana: na fala paulista, ele é velar [x], enquanto que na fala baiana o som é glotal [h] e ii) a variedade caipira conta com o som retroflexo [ɽ], o qual exige o movimento do ápice da língua, e se assemelha ao /r/ espanhol ápico-alveolar, o que poderia facilitar a produção oral de [r] na fala das aprendentes desta variedade de língua.

Sobre o tempo de exposição formal ao ensino do espanhol, tínhamos como hipótese que essa variável contribuiria para uma melhor pronúncia do fonema /r/ segundo a norma padrão espanhola. Com respeito ao estilo de fala empregado, postulávamos que os estilos mais formais, mais controlados, favoreceriam a ocorrência de /r/ ápico-alveolar, pois, segundo Labov (2008 [1972]), permitem que os participantes investigados reflitam e avaliem a sua produção oral.

Utilizamos nas entrevistas um gravador digital, a fim de garantir boa qualidade de gravação, as quais foram em espanhol, no formato MP3<sup>11</sup>, cujo tempo total de gravação foi de aproximadamente 5 horas. Em seguida, realizamos uma transcrição fonética ampla dos dados coletados. Para auxiliar o trabalho de transcrição, em alguns momentos, utilizamos um programa complementar de análise acústica – *Praat* –, a fim de deslindar possíveis dúvidas sobre a produção do segmento, em determinados momentos do *corpus*, quando a compreensão apenas audível não era possível. A análise quantitativa teve o suporte do programa VARBRUL para a análise estatística das informações.

#### 4 Análise dos resultados

No total, foram levantadas 1919 ocorrências de /r/ no *corpus* coletado. Em linhas gerais, os dados demonstram que, nos dois grupos pesquisados, há maior predominância da produção deste fonema como vibrante múltipla ápico-alveolar [r] e, em seguida, a vibrante simples [ɽ], sendo que a realização glotal [h] só aparece na produção oral das estudantes baianas e a realização fricativa velar [x] se manifesta apenas no grupo das informantes paulistas, o que já revela, de certa forma, a influência dialetal na aquisição da nova língua estrangeira. Nas duas variedades linguísticas, tanto a

---

<sup>11</sup>A sigla MP3 significa MPEG 1 Layer-3 e se trata de uma forma de compressão de dados de áudio. A característica principal do MP3 é a de possibilitar a compressão do áudio com perdas quase imperceptíveis ao ouvido humano. A técnica desse tipo de compressão é eliminar os dados de áudio que o ouvido humano não consegue perceber, reduzindo grandemente o tamanho dos arquivos, sem perder a qualidade do áudio. Informação disponível no *site* do Brasil Escola, ano de 2008.

realização fricativa velar [x] quanto a fricativa glotal [h] tem um nível de ocorrência reduzido, em termos percentuais. Contudo, podemos observar que a porcentagem de realizações glotais entre as participantes baianas é mais elevada do que a presença de produções velares no grupo de estudantes paulistas: 10% frente a 2%. Os resultados aqui descritos são apresentados na tabela 1.

**Tabela 1:** Realizações fonéticas de /r/ nas variedades caipira e baiana

Alofones para o fonema /r/	Variedade caipira		Variedade baiana		Total
	Nº	%	Nº	%	
[r]	717/909	79%	643/1011	64%	1360
[r]	172/909	19%	271/1011	27%	443
[x]	19/909	2%	0/1011	0%	19
[h]	0/909	0%	97/1011	10%	97
	909	100%	1101	100%	1919

Fonte: a autora

Sobre o número total de manifestações fonéticas de /r/ encontradas no *corpus* analisado, 1360 casos correspondem à vibrante múltipla ápico-alveolar [r], 443 são vibrantes simples [r] (27%), 19 ocorrências correspondem ao alofone fricativo velar [x] (2%) e 97 são fricativas glotais [h] (10%). Das 909 ocorrências do fonema /r/ identificadas na produção oral das estudantes paulistas, 717 (79%) são vibrantes múltiplas ápico-alveolares [r], 172 (19%) são vibrantes simples [r], e 19 (2%) fricativas velares [x]. Das 1011 ocorrências do mesmo fonema espanhol, coletado no grupo das aprendentes baianas, 643 casos (64%) correspondem à vibrante múltipla ápico-alveolar [r], 271 (27%), são vibrantes simples [r] e 97 (10%), são fricativas glotais [h]. Ao comparar as variedades dialetais selecionadas para esta pesquisa, observando os números percentuais, verificamos que as realizações do /r/ espanhol, segundo a norma padrão, se dão com maior frequência entre as aprendentes de dialeto caipira: 79% frente 64% das estudantes de dialeto baiano.

Em seguida, explicamos em detalhe a relação entre a interferência dos fatores extralinguísticos e a realização da vibrante múltipla espanhola na produção oral das estudantes brasileiras de ELE das regiões selecionadas.

#### 4.1 Realizações fonéticas de /r/ de acordo com a variedade regional dos aprendentes

Analisando cada variedade, separadamente, encontramos 889 realizações de /r/, sendo que 717 correspondem à vibrante múltipla ápico-alveolar (81%) na produção oral das estudantes paulistas, enquanto que as aprendentes baianas apresentaram 914 ocorrências do mesmo fonema,

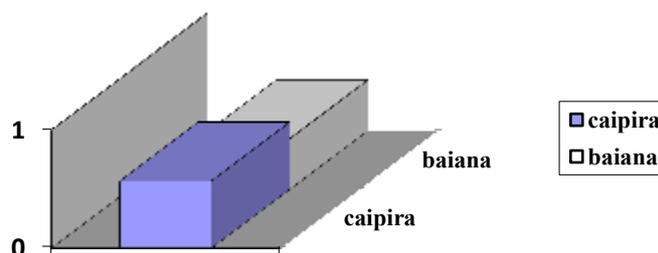
das quais 643 tratam da consoante [r], o que corresponde a 70% dos casos. Verificamos, então, que há um maior número de ocorrências do som áptico-alveolar no grupo de estudantes da variedade caipira, em termos percentuais; 11% a mais que no grupo de estudantes do dialeto baiano, conforme podemos ver na tabela 2 e gráfico 1 (distribuição geral por variedade regional).

**Tabela 2:** Realizações fonéticas de /r/ e sua distribuição em relação à variedade regional dos aprendentes

Variedade regional	Vibrante múltipla		Vibrante múltipla
	Nº	%	P.R.
<b>Caipira</b>	717/889	81%	0,57
<b>Baiana</b>	643/914	70%	0,43
<b>Total</b>	1360/1803	75%	

Fonte: a autora

**Gráfico 1:** Realizações fonéticas da vibrante múltipla /r/ em relação à variedade regional dos aprendentes



Fonte: a autora

Com respeito aos pesos relativos, de acordo com o programa estatístico de análise de regras variáveis, averiguamos que, enquanto a variedade caipira favorece ligeiramente à produção articulatória da vibrante espanhola como áptico-alveolar [r] – peso relativo de 0,57, a variedade baiana parece desfavorecer a realização articulatória do mesmo som: peso relativo de 0,43, conforme mostra a tabela 2.

Com base nas amostras, ao considerarmos a variedade regional das participantes selecionadas para este estudo, fizemos a seguinte pergunta: porque as aprendentes paulistas apresentam uma tendência maior à produção do /r/ padrão do espanhol (ápico-alveolar) em comparação com as estudantes baianas? Em outras palavras, porque a variedade caipira parece

contribuir para a produção articulatória da vibrante [r], enquanto que a variedade baiana parece desfavorecer a sua realização? Vale ressaltar que, no começo da pesquisa, levantamos a hipótese de que a variedade caipira contribui melhor para a produção do /r/ ápico-alveolar, frente à variedade baiana, devido à presença de sons que estão presentes na primeira variedade de língua (bem semelhantes ao som padrão de /r/ em termos articulatórios), mas que estão ausentes na fala baiana.

De acordo com os dados analisados, acreditamos que o dialeto caipira favorece mais à pronúncia da vibrante múltipla espanhola padrão devido à presença do som retroflexo [ɽ] nessa variedade de língua, o qual está ausente no dialeto baiano; o ponto de articulação do som retroflexo está mais próximo ao da vibrante múltipla ápico-alveolar [r] do que o som glotal [h] da variedade baiana, que se distancia bastante do som ápico-alveolar, em termos articulatórios; a vibrante múltipla espanhola padrão é produzida na parte anterior da cavidade bucal, enquanto que o /R/ do dialeto baiano tem como ponto de articulação a faringe, ou seja, a parte posterior. Além disso, o deslocamento do ponto de articulação de /R/ na variedade baiana é maior do que no dialeto caipira, no qual o mesmo arquifonema se manifesta foneticamente como velar, som que também é articulado na cavidade bucal, só que em uma região mais próxima dos alvéolos que a realização dos baianos.

Os resultados encontrados, de certa maneira, confirmam também a hipótese inicial deste estudo, quando apontamos uma influência da variedade dialetal dos aprendentes brasileiros na sua produção da vibrante múltipla espanhola. Esta observação, apresentada nesta pesquisa, está em consonância com a posição dos autores como, por exemplo, Herrero de Haro (2010), que afirmam aprendentes de determinada língua estrangeira certamente introduzirão, em sua fala, características dialetais de sua procedência, o que nos permite identificar, por exemplo, se um aprendente de ELE é oriundo do estado de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia etc., ou seja, ao aprender a nova língua, o estudante fará uso dos sons por meio do filtro particular de sua língua materna. Ao falar em espanhol, o aprendente apontará traços próprios de sua variedade linguística.

#### **4.2 Realizações fonéticas de /r/ de acordo com o tempo de exposição formal ao ensino de ELE**

No início da pesquisa, tínhamos como hipótese que o tempo de exposição formal ao ensino do espanhol exercia influência na aprendizagem da consoante /r/, de forma progressiva, ou seja:

quanto maior o tempo de estudos, maior a aquisição da vibrante múltipla ápico-alveolar. No entanto, encontramos resultados interessantes, os quais são descritos e apresentados em seguida.

Ao submeter os dados coletados ao programa estatístico, tomando como foco o tempo de exposição oral ao ensino de espanhol das aprendentes investigadas, verificamos, no total, 1803 ocorrências do fonema /r/, que em números percentuais corresponde a 75% do material analisado: das 1803 produções articulatórias presentes em todo o *corpus*, 1360 são vibrantes múltiplas ápico-alveolares [r], e as demais são, em sua maioria, produzidas como vibrantes simples [r] da mesma maneira que na variável independente apresentada na seção anterior.

No que se refere à quantidade de casos e aos números percentuais, verificamos, contraditoriamente, as estudantes que possuem até 250 horas de estudos produziram 860 ocorrências para o fonema /r/, sendo que 671 correspondem ao som vibrante múltiplo ápico-alveolar [r] (78%) e as participantes que haviam cursado mais de 350 horas de estudos de espanhol apresentaram 943 ocorrências para a consoante /r/, das quais 689 correspondem à norma padrão espanhola (73%), percentual menor que os de 250 horas, conforme mostra a tabela 3.

**Tabela 3:** Realizações fonéticas de /r/ e sua distribuição em relação ao tempo de exposição formal ao ensino de ELE

Tempo de exposição ao ensino de ELE	Vibrante múltipla		Vibrante múltipla P.R.
	Nº	%	
Até 250 horas	671/860	78%	0,53
A partir de 350 horas	689/943	73%	0,47
<b>Total</b>	1360/1803	75%	

Fonte: a autora

No que tange aos pesos relativos, considerando as duas variedades de língua, verificamos um fato curioso: segundo os dados, há um leve condicionamento (próximo do neutro) dessa variável no grupo de participantes que estudaram até 250 horas de espanhol, com peso relativo de 0,53. No entanto, observamos que no grupo de estudantes que têm a partir de 350 horas de estudos a mesma variável desfavorece a produção do som investigado: peso relativo de 0,47 (também próximo do neutro). Dessa forma, percebemos que o maior tempo de exposição formal ao ensino não contribui para a maior realização da vibrante múltipla na produção oral das aprendentes investigadas. Os dados indicam que outras variáveis devem estar condicionando mais a realização padrão desse fonema.

Pesquisamos, ainda, a produção oral das aprendentes brasileiras de espanhol, de acordo com o tempo de exposição formal ao ensino da língua, considerando apenas a fala das estudantes paulistas. Vale destacar que o programa estatístico só aponta os pesos relativos desta variedade. No entanto, apresentamos na tabela seguinte (Tabela 4) as ocorrências e a frequência na produção oral das estudantes de fala baiana.

Segundo o programa VARBRUL, no que se refere ao número de casos e números percentuais, encontramos no *corpus* 889 realizações de /r/, sendo que 717 correspondem à vibrante múltipla ápico-alveolar [r] (81% dos casos) na produção oral das estudantes paulistas, enquanto que as aprendentes baianas apresentaram 914 ocorrências do mesmo fonema; das 914 ocorrências encontradas neste último grupo, 643 tratam do som [r], que corresponde a 70% dos casos. Verificamos, então, que há um maior número de ocorrências do som ápico-alveolar no grupo de estudantes da variedade caipira, em termos percentuais, isto é, 11% a mais que no grupo de estudantes baianas, conforme podemos ver na tabela 4.

**Tabela 4:** Realizações fonéticas de /r/ nas variedades caipira e baiana sua distribuição em relação ao tempo de exposição formal ao ensino de ELE

Tempo de exposição ao ensino de ELE	Variedade caipira			Variedade baiana	
	Nº	%	P.R	Nº	%
Até 250 horas	392/456	86%	0,59	279/404	69%
A partir de 350 horas	325/433	75%	0,40	364/510	71%
<b>Total</b>	<b>717/889</b>	<b>81%</b>		<b>643/914</b>	<b>70%</b>

Fonte: a autora

Identificamos outro fato curioso ao analisar as informações apresentadas na tabela 4. Conforme os dados obtidos entre as estudantes de dialeto caipira, averiguamos que o tempo de exposição formal de até 250 horas (ou seja, menos tempo de exposição formal) ao ensino de espanhol é um fator que condiciona a produção da vibrante múltipla espanhola padrão [r]: o peso relativo é 0,59. No entanto, o tempo de exposição a partir de 350 horas de estudos desfavorece a produção do som investigado: peso relativo de 0,40. Assim, a diferença é de 0,19, com relação aos pesos relativos. Esses resultados são contrários ao que se previa, ou seja, percebemos que o maior tempo de exposição formal ao ensino não contribui para a maior realização da vibrante múltipla na produção oral das aprendentes de variedade caipira.

A pergunta que fizemos, ao depararmos com os dados mencionados, foi: porque as estudantes paulistas que possuem um menor tempo cronológico de estudo de espanhol parecem ter melhor desempenho na produção de [r] do que aquelas que têm mais tempo de exposição ao ensino da língua mencionada? Em princípio, não formulamos hipóteses nem apresentamos respostas fundamentadas para responder a essa questão, já que esse questionamento exige, de certa forma, pesquisas mais aprofundadas. No entanto, supomos que o tempo de 350 horas de estudos formais de língua espanhola desfavorece a realização da variante padrão no grupo de aprendentes investigadas porque elas se sentem mais seguras e confiantes ao falarem a língua alvo e, conseqüentemente, não estariam tão atentas à pronúncia “correta” dos sons, mas, sim, em comunicar-se oralmente. Já as aprendentes que cursaram até 250 horas de estudos de espanhol, de acordo com os dados, demonstram estar mais atentas à realização de [r] e, conseqüentemente, o realizam de maneira mais consciente. A mesma suposição se aplica, também, aos dados apresentados na tabela 3 (dados gerais).

#### 4.3 Realizações fonéticas de /r/ de acordo com o estilo de fala empregado

Nesta subseção, apresentamos e analisamos as produções articulatórias de /r/ encontradas no *corpus* oral, considerando o estilo de fala empregado. Em seguida, apresentamos a tabela 5, que representa a distribuição geral das manifestações fonéticas de acordo com essa variável.

**Tabela 5:** Realizações fonéticas de /r/ e sua distribuição em relação ao estilo de fala empregado

Estilo de fala	Vibrante múltipla		Vibrante múltipla P.R.
	Nº	%	
<b>Espontâneo</b>	267/358	75%	0,44
<b>Dirigida</b>	115/132	87%	0,64
<b>Leitura de textos</b>	223/334	67%	0,38
<b>Leitura de frases</b>	755/979	82%	0,51
<b>Total</b>	1360/1803	75%	

Fonte: a autora

No contexto A (fala espontânea), identificamos 358 ocorrências de /r/, sendo que 267 correspondem à variante padrão [r], o que, em termos percentuais, equivale a 75% dos dados. O peso relativo é de 0,44, o que poderia indicar que o dito estilo de fala desfavorece a realização da

vibrante múltipla ápico-alveolar [r], conforme mostra a tabela 5. No contexto B (fala dirigida), o programa VARBRUL encontrou 132 ocorrências da consoante /r/, das quais 115 são ápico-alveolares [r]. Em números percentuais, os dados correspondem a 87% dos casos identificados. Ao contrário do estilo anterior, verificamos que o contexto B contribui à realização de [r], pois o peso relativo é de 0,64.

Ao analisar as manifestações fonéticas de /r/ presentes na produção oral das aprendentes no contexto C (leitura de textos), encontramos 223 ocorrências do som vibrante múltiplo [r], no total de 334 casos. Em termos percentuais, correspondem a 67% do material e o peso relativo é de 0,38, o que poderia indicar que o contexto C também desfavorece a produção oral do fonema de acordo com a norma padrão. O desfavorecimento aparenta ser ainda maior do que na fala espontânea, de acordo com a tabela 5.

Ainda considerando o estilo de fala empregado, ao analisar o contexto D (leitura de frases), o programa indicou 979 ocorrências do fonema /r/; 755 dessas produções correspondem à vibrante múltiplo ápico-alveolar [r], o que, em números percentuais se traduz em 82%. No que tange aos pesos relativos, os dados revelam que neste contexto o peso relativo está no ponto do neutro: 0,51, ou seja, não favorece nem desfavorece.

Em linhas gerais, ao avaliar a produção oral das aprendentes investigadas, segundo os estilos de fala empregados, verificamos os seguintes resultados: os contextos que menos favorecem à produção da vibrante múltipla ápico-alveolar são os contextos A (fala espontânea) e C (leitura de textos), sendo que este último desfavorece ainda mais: o peso relativo é de 0,38. Esses resultados, também, confirmam uma das hipóteses levantadas nesta pesquisa, pois ambos os estilos oferecem, como supúnhamos, elementos que, de alguma forma, proporcionam uma despreocupação com a forma linguística ou redução do controle da linguagem; são situações que levam à uma distração para os falantes de ELE. Por exemplo, em um conversa em que não há um controle do que irá ser dito, o participante se sente mais à vontade e relaxado para falar e, como consequência, se distrai mais, pois não sabe o que está sendo avaliado.

Diversas aprendentes, das duas variedades dialetais, realizaram as palavras *rosa* e *perro* de diferentes maneiras. Por exemplo, enquanto que na fala espontânea, os ditos vocábulos foram pronunciados com som vibrante simples – [‘rosa]; [‘pero] –, na entrevista dirigida, as estudantes pronunciaram as mesmas palavras utilizando a vibrante múltipla ápico-alveolar – [‘rosa];[‘pero]. Por outro lado, os contextos B (fala dirigida) e D (leitura de frases), segundo o material coletado,

contribuem para que as aprendentes realizem a vibrante múltipla espanhola padrão, pois são estilos de fala que favorecem as aprendentes prestarem mais atenção ao que estão pronunciando. Podemos verificar, ainda, que o contexto B (entrevista dirigida) é o que melhor contribui à produção de /r/ segundo a norma: peso relativo de 0,64, favorecendo ainda mais do que o contexto D, conforme mostra a tabela 5.

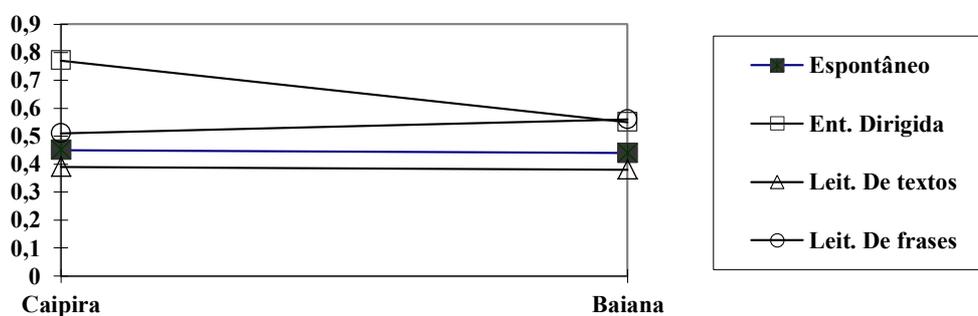
Ao analisar os estilos de fala empregados, considerando as variedades dialetais das aprendentes investigadas, separadamente, encontramos os resultados apresentados na tabela 6 e gráfico 3.

**Tabela 6:** Realizações fonéticas de /r/ nas variedades caipira e baiana e sua distribuição em relação ao estilo de fala empregado

Estilo de fala	Variedade caipira		Variedade caipira P.R.	Variedade baiana		Variedade baiana P.R.
	Nº	%		Nº	%	
<b>Espontâneo</b>	115/140	82%	0,45	152/218	70%	0,44
<b>Entrevista dirigida</b>	63/69	96%	0,77	49/63	78%	0,55
<b>Leitura de textos</b>	127/180	71%	0,39	96/154	62%	0,38
<b>Leitura de frases</b>	409 /500	82%	0,51	346/479	72%	0,56
<b>Total</b>	717/889	81%		643/914	70%	

Fonte: a autora

**Gráfico 3 :** Realizações fonéticas da vibrante múltipla em relação ao estilo de fala nas variedades caipira e baiana



No contexto A (fala espontânea), identificamos 140 ocorrências de /r/, sendo que 115 correspondem à variante padrão [r], que, em termos percentuais, equivale a 82% dos dados. O peso relativo é de 0,45, o que poderia indicar que esse estilo de fala desfavorece a realização da vibrante

múltipla áptico-alveolar nas aprendentes paulistas, conforme mostra a tabela 6. No contexto B (fala dirigida), o programa detectou 69 ocorrências da consoante /r/ no dialeto caipira, sendo que 63 são áptico-alveolares [r]. Em números percentuais, os dados correspondem a 96% dos casos identificados. Ao contrário do estilo anterior, verificamos que o contexto B contribui fortemente à realização de [r], pois o peso relativo é de 0,77.

Ao analisar as manifestações fonéticas de /r/, presentes na produção oral das aprendentes paulistas, considerando o contexto C (leitura de textos), encontramos 127 ocorrências do alofone vibrante múltiplo [r], no total de 180 casos. Em termos percentuais, estes números correspondem a 71% do material coletado. O peso relativo é de 0,39, o que poderia indicar que o contexto C também desfavorece a produção oral do fonema de acordo com a norma padrão. Considerando apenas essa variedade de língua – dialeto caipira –, percebemos que a leitura de textos desfavorece ainda mais a produção de [r] do que a fala espontânea, de acordo com a tabela 6.

Ainda analisando a variedade caipira, o programa detectou 500 ocorrências do fonema /r/ no contexto D (leitura de frases), sendo que 409 dessas produções correspondem ao alofone vibrante múltiplo áptico-alveolar [r] (82%). No que tange aos pesos relativos, os dados revelam que esse contexto favorece levemente a realização do fonema /r/ do espanhol, segundo a norma padrão, ou poderíamos ainda afirmar que está próximo do neutro (0,51).

Na produção oral das estudantes baianas, ao analisar o contexto A (fala espontânea), identificamos 218 ocorrências de /r/, sendo que 152 correspondem à variante padrão, que, em termos percentuais, equivale a 70% dos dados. O peso relativo é de 0,44, o que poderia indicar que esse estilo de fala desfavorece a realização da vibrante múltipla áptico-alveolar na fala baiana, como podemos ver na tabela 6. No contexto B (entrevista dirigida), o programa identificou 63 ocorrências da consoante /r/, das quais 49 são áptico-alveolares [r]. Em números percentuais, os dados correspondem a 78% dos casos identificados. Ao contrário do estilo anterior, verificamos que o contexto B favorece levemente a realização da vibrante múltipla espanhola padrão: peso relativo de 0,55.

Ao analisar as realizações fonéticas de /r/, presentes na produção oral das aprendentes de variedade baiana, considerando no contexto C (leitura de textos), encontramos 96 ocorrências do som vibrante múltiplo [r], no total de 154 casos que, em termos percentuais, correspondem a 62% do material coletado. O peso relativo é de 0,38, o que poderia indicar que esse estilo também desfavorece à produção oral do fonema de acordo com a norma. Segundo os dados das estudantes

baianas, a leitura de textos desfavorece ainda mais a produção de [r] do que a fala espontânea, conforme mostra a tabela 6.

No contexto D (leitura de frases), o programa indicou 479 ocorrências do fonema /r/, sendo que, dessas produções, 346 correspondem ao alofone vibrante múltiplo ápico-alveolar [r], que em números percentuais se traduz em 72%. No que tange aos pesos relativos, os dados revelam que contexto D favorece levemente a realização do fonema /r/ do espanhol padrão, na fala das aprendentes baianas. O peso relativo é 0,56.

No geral, ao analisar os estilos de fala empregados pelas aprendentes e comparar as variedades dialetais selecionadas para esta pesquisa, encontramos: as aprendentes de variedade caipira realizaram o fonema /r/ como vibrante múltipla ápico-alveolar [r] em números percentuais maiores do que as aprendentes baianas, em todos os contextos investigados. A maior diferença é verificada no contexto B (entrevista dirigida), pois, enquanto as estudantes paulistas realizaram 96% por cento das ocorrências conforme a norma padrão espanhola, as aprendentes baianas pronunciaram 18% a menos, no mesmo estilo de fala, ou seja, 78%. Com relação a pesos relativos, obtivemos, também, resultados interessantes, ao confrontar as duas variedades de língua.

Ao comparar a produção oral das aprendentes investigadas, segundo os estilos de fala empregados, verificamos que as restrições com relação a essa variável, são as mesmas: os pesos relativos mostram que os contextos desfavorecedores da variante padrão são os mesmos nas duas variedades. Os contextos que menos favorecem a produção da vibrante múltipla ápico-alveolar, tanto na variedade caipira, quanto baiana, são os contextos A (fala espontânea) e C (leitura de textos), sendo que este último desfavorece ainda mais: o peso relativo na variedade caipira é 0,39, enquanto que na variedade baiana é 0,38, isto é, são bastante próximos. O contexto A, segundo a amostra coletada, não favorece a produção do /r/ padrão espanhol, em nenhuma das duas variedades linguísticas, entretanto, os pesos relativos estão bem mais próximos do neutro do que o contexto C: na variedade caipira, o peso relativo é 0,45, enquanto que na variedade baiana é de 0,44. Em outras palavras, os pesos relativos também são bastante próximos. Conforme mencionamos anteriormente, esses resultados, de certa maneira, já eram esperados, pois ambos os estilos de fala oferecem, como acreditávamos no início da pesquisa, elementos que servem de distração para as estudantes de ELE, no momento da produção oral.

Por outro lado, contextos B (entrevista dirigida) e D (leitura de frases), segundo os dados observados, contribuem para que as aprendentes, de ambas as variedades de língua, realizem a

vibrante múltipla espanhola padrão, já que são estilos de fala que favorecem as aprendentes estarem mais atentas ao que estão pronunciando. No entanto, verificamos que na entrevista dirigida, o peso relativo na variedade caipira é maior do que na baiana: 0,77 frente a 0,55, ou seja, o primeiro contribui fortemente, enquanto que o segundo está mais próximo do neutro, de acordo com a tabela 6. Acreditamos que essa diferença com relação aos pesos relativos se dá pela interferência do som retroflexo na produção oral das aprendentes paulistas, inexistente no dialeto baiano, como já foi explicado anteriormente.

De acordo com os dados, o contexto D (leitura de frases), tanto na variedade caipira quanto na baiana, contribui para a produção da vibrante múltipla ápico-alveolar [r]. No entanto, o peso relativo na variedade caipira chega próximo do neutro, 0,51, enquanto que na variedade baiana o peso é um pouco maior: 0,56.

Após a análise das realizações fonéticas de /r/ das aprendentes brasileiras de ELE selecionadas para esta pesquisa, percebemos que as tendências encontradas na produção oral coincidem com, pelo menos, quatro comportamentos fonéticos que estão presentes entre os falantes nativos de espanhol, de diferentes variedades linguísticas.

Primeiro, verificamos que o debilitamento do segmento /r/ do espanhol ocorre em todo o *corpus*, de forma ampla, tanto na fala das aprendentes baianas, como na oralidade das estudantes paulistas, isto é, o relaxamento na pronúncia da vibrante múltipla espanhola /r/ é uma das semelhanças existentes em comum entre as diferentes variedades dialetais do espanhol e a língua espanhola falada pelas aprendentes brasileiras investigadas no que tange aos aspectos fonéticos.

Outra tendência fonética a ser observada nos falantes nativos de espanhol, e que verificamos entre as estudantes investigadas, é a realização glotal ou aspirada do fonema /r/, representada pelo símbolo fonético [h], como afirma Andrade Neta (2001). A articulação glotal corresponde a um processo de fricativação na emissão do segmento em estudo, que tem como resultado a substituição dos movimentos do ápice da língua por uma simples aspiração, exigindo um menor esforço por parte dos órgãos articulatórios envolvidos em sua produção.

A terceira tendência fonética observada na produção oral das aprendentes brasileiras de ELE – a maior –, que também aparece comumente e com frequência, por exemplo, em grande parte do território caribenho, é a pronúncia de /r/ como vibrante simples [r], como afirma Lipski (2007). Relembrando o que também já foi mencionado anteriormente, a produção do fonema /r/ como um som vibrante simples é considerada como uma das discrepâncias fonéticas mais recorrentes

observadas na língua espanhola que ocorrem, por exemplo, na zona do Caribe. De certa forma, a maior ocorrência do alofone vibrante simples [r], em detrimento das outras possibilidades fonéticas apontadas anteriormente no *corpus* analisado já era esperada, pois o som [r] é o que possui o mecanismo de produção mais próximo da vibrante ápico-alveolar do espanhol, em termos fisiológicos; ambos têm o mesmo ponto de articulação, ou seja, são alveolares.

Observamos na fala de todas as informantes envolvidas neste estudo – sem exceção – a pronúncia do fonema /r/ como um som vibrante simples [r], em diferentes momentos das entrevistas. Entretanto, vale ressaltar que algumas estudantes realizaram mais esta fonética do que outras. Assim, com base dos dados coletados, poderíamos afirmar que o grau de competência fonético-fonológica na produção desse fonema, entre as aprendentes, é variável; umas demonstraram ter mais competência do que outras.

A quarta tendência fonética que pode ser observada apenas em uma das participantes investigadas, de variedade caipira (ainda que em escassos momentos), é a articulação retroflexa do fonema /r/, representado pelo símbolo fonético [ɽ]. Por exemplo, encontramos a palavra *honra* [ˈoŋɽa]. Destacamos que essa realização também pode ocorrer entre os falantes nativos de espanhol, como demonstra Lipsky (2007). O erre retroflexo é aquele cuja produção se dá quando o reverso da língua se dobra para trás, em direção a região palatal. Assim como o som vibrante simples [r], a pronúncia de [ɽ] também não faz parte da norma padrão da língua espanhola, sendo considerado também, por alguns linguistas, como outro caso de discrepância fonética, conforme explicamos anteriormente. Durante a apresentação e análise dos resultados, não consideramos essa variante, posto que se manifestou, foneticamente, de forma isolada. Aqui podemos observar, também, como nos demais casos, a interferência do dialeto da aprendente na pronúncia da língua alvo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a pronúncia da vibrante múltipla espanhola das aprendentes analisadas nesta pesquisa demonstra tendências ao debilitamento e fricativizações (glotal e velar), a realizações aproximantes retroflexas (raríssimos casos) e, principalmente, a articulações como tap/flepe.

## 5 Considerações finais

No intuito de contribuir para as pesquisas sobre a aprendizagem de conteúdos fonético-fonológicos da língua espanhola por aprendentes brasileiros, realizamos um estudo cujo objetivo

principal foi o de analisar as manifestações fonéticas da vibrante múltipla /r/ na produção oral dos aprendentes de ELE – nos Estados da Bahia e São Paulo.

Por meio desta pesquisa, confirmamos a ideia de que a realização da vibrante múltipla espanhola por aprendentes brasileiros é sim um desafio, tanto para os alunos que estão em estágios iniciais de aprendizagem, quanto para aqueles que se encontram em níveis avançados. Em outras palavras, é um fonema que exige certos requisitos articulatórios, bem peculiares e diferentes, se comparado a outros sons da língua espanhola. Em consequência, podemos observar a interferência das variedades regionais no espanhol falado pelas participantes desta pesquisa.

Ao longo do trabalho, com base no *corpus* analisado, confirmamos a noção de que os estudantes brasileiros de ELE tendem a substituir o som ápico-alveolar [r] por outros segmentos existentes na língua portuguesa, conforme mencionam diferentes autores como, Hoyos-Andrade (1994), Masip (1999) e Andrade Neta (2001).

A comparação entre o desempenho das falantes da variedade baiana e da caipira no aprendizado de ELE permitiu comprovar nossa hipótese de que, nas duas regiões estudadas na presente pesquisa, devido ao fato de terem variedades dialetais diferentes, e aos níveis diferentes de conhecimento da língua espanhola, a realização do fonema /r/ do espanhol pelos falantes brasileiros apresentam diferenças, resultantes de condicionamentos extralinguísticos (região geográfica, nível de aquisição e estilo de fala empregado). Sobre a interferência da variedade dialetal no aprendizado de uma língua estrangeira, esta pesquisa confirma o que pressupõe Herrero de Haro (2010), quando afirma que aprendentes de determinada língua estrangeira certamente introduzirão em sua fala características dialetais de sua procedência.

Com base no *corpus*, ao analisar as manifestações fonéticas da vibrante múltipla espanhola /r/, percebemos que os fatores extralinguísticos são relevantes na aprendizagem dessa língua nos dois grupos pesquisados. Sobre a interferência da variedade regional dos aprendentes, a pesquisa também comprova a hipótese levantada no início, de que a variedade caipira contribui melhor para a produção do /r/ ápico-alveolar, frente à variedade baiana, devido à presença de sons que estão presentes na primeira variedade de língua (bem semelhantes ao som padrão de /r/ em termos articulatórios), mas que estão ausentes na fala baiana.

Ao investigar as participantes selecionadas, no que tange ao tempo de exposição formal ao ensino de espanhol, verificamos que a nossa hipótese inicial não se confirma, pois conjecturamos que o tempo de aprendizagem de espanhol seria um fator que contribuiria, de maneira positiva, na

realização da vibrante múltipla espanhola segundo a norma. No entanto, identificamos um fenômeno curioso, que não tínhamos previsto no princípio: o estudo aponta que estudantes com menor tempo cronológico de aprendizagem de ELE, têm uma tendência maior em pronunciar o som padrão (ápico-alveolar) do que os estudantes de níveis mais avançados. Este resultado servirá para dar início, certamente, a estudos posteriores.

Com relação aos estilos de fala empregados, nossa hipótese também se confirma, pois os estilos que apresentavam mais elementos de distração (ou despreocupação com a linguagem – discurso menos monitorado), como, por exemplo, a fala espontânea (menos controlada), proporcionaram usos linguísticos em que as aprendentes desviassem sua atenção e, conseqüentemente, não realizassem a consoante segundo a norma. Por outro lado, os estilos mais controlados contribuíram para chamar a atenção das participantes com relação à pronúncia do /r/ padrão do espanhol.

Diante dos achados, por meio da análise do fenômeno selecionado, percebemos a importância de conhecer os fatores que interferem na aprendizagem de espanhol por aprendentes brasileiros, a fim de que sejam apresentadas estratégias para dar conta das dificuldades apresentadas em uma sala de aprendentes de espanhol de diferentes variedades linguísticas. Compreendemos, também, por meio desta pesquisa que, além de conhecermos a língua em seus diferentes níveis (fonético-fonológico, sintático, semântico etc.), é necessário entender como os fatores extralinguísticos condicionam a variação, facilitando ou dificultando a aprendizagem da língua falada pelos aprendentes de ELE.

No que concerne à relação entre a Sociolinguística e a aprendizagem de línguas, Moreno Fernández (2004) afirma que, nos últimos anos, essa ciência vem incluindo, cada vez mais, em sua teoria questões ligadas à aquisição da linguagem em pesquisas de língua materna – principalmente – e, também, nos estudos de segunda língua<sup>12</sup>. Nesse contexto, pesquisas têm demonstrado que os melhores resultados alcançados se dão quando os conteúdos linguísticos dos cursos se aproximam mais das necessidades reais dos aprendentes. Em linhas gerais, o ensino de línguas exige atenção à relação entre necessidades dos aprendentes e o contexto social, bem como a existência das variedades, sejam elas sociais, dialetais etc. Esses dados não podem ser dissociados do ensino, seja de primeira língua, seja de segunda. É importante mencionar que quanto mais entendemos o funcionamento de uma língua e seu uso em diferentes contextos sociais, melhor podemos ensiná-la,

---

<sup>12</sup> Aqui se entende Segunda Língua (SL) como qualquer idioma que não seja a língua materna do indivíduo.

já que temos mais recurso para tal. Os resultados obtidos em pesquisas realizadas com base na Sociolinguística nos ajudarão, por exemplo, a ensinar que usos de linguagem têm mais prestígio e quais são estigmatizados, quais são mais frequentes ou menos comuns em determinados grupos sociais, que características estão relacionadas como mudanças consolidadas etc. Em linhas gerais, esses estudos poderão nos auxiliar face a língua real utilizada em determinada sociedade.

A respeito das possíveis conclusões a que esta pesquisa pode conduzir, é importante destacar que o universo da atuação deste estudo se restringiu a aprendentes brasileiras de ELE de apenas duas variedades dialetais. Deste modo, o grau de generalização das considerações que são expostas aqui são, de certa forma, modestas e até mesmo restritas. Contudo, almejamos que este trabalho, de alguma maneira, venha a contribuir tanto para os estudos sociolinguísticos, quanto para o ensino-aprendizagem de ELE no Brasil. Ademais, desejamos que esta pesquisa tenha diferentes aplicações futuras. Nesse sentido, acreditamos que pode constituir-se um material de apoio e de consulta para aqueles que se dedicam a aprofundar seus conhecimentos sobre o mecanismo de realização da vibrante múltipla espanhola por aprendentes brasileiros.

Os resultados desta investigação, aliados a estudos de natureza suprasegmental ou de natureza acústica, certamente oferecerão uma descrição fonética mais completa acerca da produção do /r/ espanhol por aprendentes brasileiros, pois ambos os elementos – segmental e suprasegmental – são de grande valor para aqueles que desejam aprender ou ensinar línguas estrangeiras.

Para finalizar, consideramos que pesquisas dessa natureza não devem ser dadas por encerradas. Outras deverão surgir, tanto na perspectiva adotada, quanto em outras.

## Referências

- ANDIÓN HERRERO, M.A. **Variedades del español de América**: una lengua y diecinueve países. Brasília: Consejería de Educación en Brasil/Embajada de España, 2004.
- ANDRADE NETA.N. F. Aprender español es fácil porque hablo portugués: ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español. In: **Cuaderno Cervantes de la Lengua Española**. S.l, 2001. Disponível em: [http://www.cuadernos cervantes.com/lc\\_portugues.html](http://www.cuadernos cervantes.com/lc_portugues.html). Acesso em: 28 de nov. 2012.
- BLECUA FALGUERAS. B. **Las vibrantes del español**: manifestaciones acústicas y procesos fonéticos. 2001. 352f. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola) – Departamento de Filologia Espanhola. Universidade Autônoma de Barcelona. Disponível em: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4859/bbf1de3.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 de jan. 2012.

CARVALHO, K. C. H. P. **Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol**. 2004. 205f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis/SP.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GILI GAYA, S. **Elementos de fonética general**. Madri: Gredos, 1966.

GOMES, A.S. **A vibrante múltipla espanhola em aprendentes de espanhol como língua estrangeira na Bahia e em São Paulo: uma abordagem sociolinguística**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

HERRERO DE HARO, A. **La adquisición de la fonética del español en estudiantes de distintas regiones dialectales del Reino Unido e Irlanda**. 2010. Tese (Faculdade de Filologia) – Universidade Nacional de Educação a Distância/Espanha.

HOYOS ANDRADE, R. E. Las interferencias fonético-fonológicas del portugués en el español de estudiantes brasileños. In: **Actas del I Seminario de dificultades para la Enseñanza de Español a Lusohablantes**. São Paulo: Consejería de Educación, Embaixada da Espanha no Brasil, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LASTRA, Y; MARTÍN BUTRAGUEÑO, P. **Un posible cambio en curso: el caso de las vibrantes en la ciudad de México**. Alcalá de Hanares, 2003. Disponível em: <http://lef.colmex.mx/Sociolinguistica/Cambio%20y%20variacion/Un%20posible%20cambio%20en%20curso.%20El%20caso%20de%20las%20vibrantes%20en%20la%20ciudad%20de%20Mexico.pdf>. Acesso em: 20 de jan. 2012.

LIPSKI, J.M. **El español de América**. 5. ed. Madrid, Cátedra, 2007.

MARTÍNEZ CELDRÁN, E. El mecanismo de producción de la vibrante apical múltiple. **Estudios de Fonética Experimental**. Barcelona, v.8.1997, p.85-97.

MASIP, V. **Fonética espanhola para brasileiros: síntese**. Revista do GELNE, nº 1, 1999, p. 152-154.

MORENO FERNÁNDEZ, F. Aportaciones de la sociolingüística. In: LOBATO, J.(Org.) **Vademécum para la formación de profesores**. Enseñar español como Segunda Lengua (L2) / Lengua Extranjera (LE). Madrid: SGEL, 2004.

NAVARRO TOMÁS, T. **Manual de pronunciación española**. 22. ed.. Madri: C.S.I.C, 1985.

QUILIS, A. **Tratado de fonología y fonética españolas**. Madri: Gredos, 1993.



ISSN: 1981-0601  
v. 14, n. 1 (2021)



QUILIS, A.; FERNÁNDEZ, J. **Curso de fonética e fonología españolas para estudiantes angloamericanos.** Madri: C.S.I.C, 1982.

SÁNCHEZ, A; MATILLA, J. A. **Manual práctico de corrección fonética del español.** 8ª ed. Madrid: SGEL, 2001.

VAQUERO DE RAMÍREZ. M. **El español de América I: pronunciación.** 3ª ed. Madrid, Arco Libros, 2003.